

“ALTOS PAPOS SOBRE TRAVESTIS”: TRAVESTILIDADE NO LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)

**“HIGH-LEVEL CONVERSATIONS ABOUT TRAVESTIS”:
TRAVESTILITY IN LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)**

Maico Mombach

Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).
E-mail: maicomombach@gmail.com

Magna Lima Magalhães

Doutora em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo/Brasil).
Professora na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/Brasil).
E-mail: magna@feevale.br

Recebido em: 18 de janeiro de 2026

Aprovado em: 19 de abril de 2026

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 23 | n. 2 | p. 382-409 | jul./dez. 2026

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.4595>

RESUMO

Este estudo objetiva analisar as formas de representação das travestis nas páginas do jornal *Lampião da Esquina*, importante periódico da imprensa alternativa brasileira publicado entre 1978 e 1981 no eixo Rio de Janeiro–São Paulo, produzido majoritariamente por intelectuais e jornalistas homossexuais. Surgido durante a ditadura civil-militar, o jornal constituiu-se como um espaço de debate, denúncia e visibilidade para temas relacionados à homossexualidade e a outras minorias sociais. A pesquisa investiga como o periódico apresentou e debateu a presença das travestis em suas reportagens, entrevistas, cartas de leitores e colunas. Busca-se compreender de que maneira essas narrativas contribuíram para dar visibilidade a sujeitos frequentemente marginalizados, bem como quais discursos sobre corpo, sexualidade, identidade e experiências sociais eram mobilizados. Argumenta-se que o jornal desempenhou papel relevante na circulação de debates sobre gênero e sexualidade no Brasil, contribuindo para ampliar a visibilidade das travestis e para a construção de novas formas de expressão e afirmação de identidades dissidentes no espaço público durante o regime ditatorial.

Palavras-chave: Lampião da Esquina. Travesti. Ditadura civil-militar.

ABSTRACT

This study aims to analyze the forms of representation of travestis in the pages of the newspaper *Lampião da Esquina*, an important publication of the Brazilian alternative press published between 1978 and 1981 in the Rio de Janeiro–São Paulo axis, produced mainly by homosexual intellectuals and journalists. Emerging during the civil-military dictatorship, the newspaper became a space for debate, denunciation, and visibility for issues related to homosexuality and other social minorities. The research investigates how the periodical presented and discussed the presence of travestis in its reports, interviews, readers' letters, and columns. It seeks to understand how these narratives contributed to giving visibility to subjects who were often marginalized, as well as which discourses about body, sexuality, identity, and social experiences were mobilized. It is argued that the newspaper played an important role in the circulation of debates on gender and sexuality in Brazil, contributing to the expansion of the visibility of travestis and to the construction of new forms of expression and affirmation of dissident identities in the public sphere during the dictatorial regime.

Keywords: Lampião da Esquina. Travesti. Civil-military dictatorship.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar as formas de representação das travestis nas páginas do jornal *Lampião da Esquina*, periódico da imprensa alternativa brasileira publicado entre 1978 e 1981 no eixo Rio de Janeiro–São Paulo. A pesquisa delimita-se à investigação das edições publicadas durante esse período, buscando compreender de que maneira a travestilidade foi apresentada, narrada e enquadrada editorialmente dentro de um veículo produzido majoritariamente por intelectuais e jornalistas homossexuais.

A relevância do estudo reside na importância histórica do jornal enquanto espaço de debate, denúncia e visibilidade para dissidências sexuais durante o contexto da ditadura civil-militar brasileira. Nesse sentido, a análise das representações das travestis contribui para ampliar a compreensão sobre os modos de construção discursiva das identidades de gênero dissidentes na imprensa alternativa e para problematizar as tensões existentes dentro do próprio movimento homossexual da época.

Diante disso, o problema de pesquisa que orienta este trabalho consiste em compreender como as travestis foram representadas nas páginas do periódico e quais discursos e enquadramentos foram mobilizados na construção dessas representações. Parte-se da hipótese de que, embora o jornal tenha desempenhado papel importante na visibilidade das dissidências sexuais, as representações das travestis podem revelar ambiguidades, tensões e hierarquias internas nas narrativas produzidas pelo próprio movimento.

O estudo objetiva analisar as representações das travestis nas páginas do periódico. Como objetivos específicos, busca-se: (a) identificar as edições em que a travestilidade aparece como tema central ou secundário; (b) examinar os discursos, narrativas e enquadramentos presentes nas matérias; e (c) refletir sobre os sentidos atribuídos à travestilidade no interior do periódico.

Do ponto de vista teórico, o tema é abordado a partir de perspectivas dos estudos de gênero e sexualidade, articuladas com reflexões sobre representação e discurso na imprensa. Metodologicamente, a pesquisa possui caráter Qualitativo e Documental, tendo como corpus as edições do jornal publicadas entre 1978 e 1981. O procedimento inicial consistiu no levantamento e análise das capas e matérias das 41 edições do periódico, seguido da identificação e categorização das ocorrências relacionadas à travestilidade. A escolha desse método justifica-se pela possibilidade de examinar diretamente os registros históricos e discursivos presentes no próprio periódico, permitindo compreender como essas representações foram construídas no contexto de sua produção.

2 CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA CATEGORIA TRAVESTI

O termo travesti surgiu na França, durante o século XVI, para designar a ideia de disfarce, especialmente no sentido de vestir roupas associadas ao sexo oposto, sendo rapidamente incorporado ao vocabulário do campo teatral (Leite Júnior, 2008; Kulick, 2008). No contexto das artes cênicas europeias, a prática de interpretar personagens do sexo oposto era relativamente comum, sobretudo em períodos em que a participação feminina nos palcos era restrita ou mesmo proibida. Nesse cenário, o termo passou a designar não apenas o ato de vestir-se como alguém do sexo oposto, mas também determinadas performances artísticas baseadas na inversão de papéis de gênero. Gradualmente incorporado aos meios artísticos e às festividades populares, o termo chegou ao Brasil onde passou a ser utilizado para se referir a indivíduos que se *disfarçavam* como pessoas do sexo oposto, independentemente de seu comportamento, orientação ou identidade sexual (Leite Júnior, 2008).

No entanto, no início do século XX, o conceito de *travestismo* passou por mudanças significativas, especialmente após a publicação do livro *Die Transvestiten* (1910), do médico e psicólogo alemão Magnus Hirschfeld. Ele propôs uma interpretação inserida no campo médico-científico da sexualidade, definindo o *travestismo* como uma categoria clínica associada ao uso de roupas do sexo oposto motivado por impulsos de natureza erótica, entendidos como expressão da personalidade íntima do indivíduo (Leite Júnior, 2008). Essa formulação representou uma importante mudança de perspectiva, o que antes era associado, sobretudo, à aparência externa e a práticas ligadas ao teatro, ao entretenimento ou a festividades populares, passou a ser compreendido como um aspecto interno, relacionado à subjetividade do indivíduo. Dessa forma, o *travestismo* deixou de ser visto apenas como uma performance circunstancial e passou a ser interpretado como uma característica constitutiva da identidade do sujeito, contribuindo para a consolidação do conceito moderno de travesti.

Solomon (2013, p. 695) conceitua o termo travesti como “alguém que gosta de usar roupas em geral reservadas a pessoas do outro gênero” e o diferencia do termo transexual, o qual “se aplica ao indivíduo que se submeteu a uma cirurgia ou tomou hormônios para ajustar o corpo a um gênero diverso daquele com que nasceu”. Tal diferenciação pode, porém, ser problematizada, visto que

Os termos transexualidades e travestilidades são polissêmicos, (re)significados pelos sujeitos, dependendo do contexto e das experiências vivenciadas, evidenciando que múltiplos são os modos de ser travesti e transexual. Os entendimentos acerca das transexualidades e travestilidades são imbricados às diferentes e singulares maneiras de viver de cada sujeito e, por isso, são entendidos de distintas formas (Longaray; Ribeiro, 2016, p. 765).

Longaray e Ribeiro (2016) respaldam o entendimento que orienta este estudo no que se refere à pluralidade de discursos e sentidos atribuídos às definições de travesti e transexual. Como destacam as autoras, tais noções não são fixas nem universais, sendo concebidas de maneiras distintas por diferentes sujeitos e transformando-se conforme os contextos históricos, sociais e culturais em que são mobilizadas. Nesse sentido, destaca-se que a adoção do termo transexual ocorre, em grande medida, por processos de autoidentificação do sujeito, mais do que por uma atribuição externa ou classificatória (Benedetti, 2005).

Também é importante considerar que o uso do termo travesti, associado à sexualidade e à identidade de gênero, apresenta particularidades no contexto latino-americano. Na América Central e do Sul, a categoria possui um uso social e identitário específico, enquanto em outros contextos geográficos experiências semelhantes costumam ser classificadas sob a denominação transexual, frequentemente vinculada a categorias médicas como *transexual não cirúrgico* ou *transexual de intensidade moderada* (Ramalho, 2019). Ressalta-se ainda que, na contemporaneidade, o termo travesti tem sido reivindicado por algumas mulheres transexuais como forma de autoafirmação identitária, em um movimento que busca deslocá-lo do estigma da marginalidade e esvaziar sua carga historicamente pejorativa, afirmando-o como uma identidade positiva e politicamente significativa (Simpson, 2015).

No contexto da ditadura civil-militar brasileira, Veras (2017, p. 40) define a passagem das décadas de 1970 para 1980 como “ponto de inflexão de uma nova temporalidade e subjetividade” na significação e uso da palavra travesti. Para caracterizar essa transformação, o autor propõe duas expressões-categorias: *tempo das perucas* e *tempo dos hormônios*. A primeira refere-se a um período em que o termo travesti ainda não designava propriamente um sujeito ou uma identidade, mas antes uma prática eventual, marcada pela adoção de elementos associados ao feminino em contextos específicos.

Nesse momento, as chamadas *bonecas*¹ apropriavam-se de artefatos considerados femininos – ou, em outras palavras, de tecnologias de gênero² – como maquiagem, perucas, vestidos e sapatos, inspiradas em um ideal de feminilidade fortemente influenciado por estrelas do cinema e da cultural pop estadunidense. Tais elementos eram mobilizados, principalmente, na construção de performances femininas, nas quais a feminilidade era encenada por meio de códigos visuais e corporais específicos

¹ Segundo Veras (2017, p. 46), as *bonecas* eram “homossexuais que assumiam uma posição de submissão na relação com os *bofes*, certo lugar do feminino”. Já os *bofes*, também chamados de “[...] ‘homens de verdade’, não se consideravam, ou não eram considerados, homossexuais”.

² Tecnologias de gênero referem-se a um “mecanismo que aciona técnicas, procedimentos, práticas e discursos para produzir sujeitos que se identifiquem como homens e mulheres, meninos e meninas” (Caldeira; Paraíso, 2016, p. 4).

(Veras, 2017). Nesse sentido, o *travestismo* aparecia mais como uma prática performática e situacional do que como uma identidade social estabilizada.

Referidas como praticantes do *travestismo*, as chamadas *bonecas* apresentavam-se em palcos e concursos de beleza realizados em diferentes estados do país. Inicialmente, esses eventos ocorriam de forma clandestina, em casas, apartamentos ou sítios particulares, espaços que ofereciam relativa proteção em relação ao controle social e policial. Ao longo da segunda metade da década de 1970, entretanto, tais concursos passaram a adquirir maior visibilidade e, gradualmente, transformaram-se em um negócio lucrativo. Em alguns casos, chegaram inclusive a receber autorização do regime militar para acontecer, desde que as travestis não fossem confundidas com mulheres cisgênero³ fora do ambiente dos palcos. Esses eventos constituíram oportunidades importantes para que esses sujeitos experimentassem coletivamente formas de identificação com o feminino, estabelecessem redes de sociabilidade, criassem laços de amizade e encontrassem parceiros afetivo-sexuais (Green, 2000; Jesus, 2018; Veras, 2017).

Outro espaço privilegiado para compreender a emergência e a transformação da identidade travesti durante o chamado *tempo das perucas* é o carnaval. Para alguns sujeitos homossexuais, a festa tornou-se um momento de experimentação e visibilidade para suas performances femininas, nas quais o *travestismo* era mobilizado como forma de afirmar uma *persona* feminina no espaço público (Veras, 2017).

Em sua edição número 10, o jornal *Lampião da Esquina* publicou uma matéria assinada por Silva que responde a uma entrevista concedida pela escritora Carmen da Silva à TV Globo, na qual ela buscava explicar por que tantos homens se vestiam de mulher durante o carnaval. Segundo a escritora, haveria *vestígios de homossexualidade latente* nesse ritual, no qual *autoproclamados machões* saíam às ruas vestidos com roupas da esposa, da namorada ou da irmã (Silva, 1979a). Em resposta a essa interpretação, Silva apresentou um contraponto crítico, questionando a associação direta entre a prática de vestir-se com roupas femininas no carnaval e a homossexualidade. Em sua resposta, o jornalista afirmou o seguinte:

Há homossexualidade latente, sim, mas há principalmente vestígios da discriminação à mulher. No carnaval os homens se vestem de mulher como se vestem de macacos; e exageram nos gestos frisando a imagem da mulher que os deixa mais tranquilos _ a mulher é para os machões um ser fraco, dependente, fútil e fricoteiro, e é assim que eles a representam no carnaval (Silva, 1979a, p. 6).

³ Define-se como cisgênero o indivíduo que se identifica com o gênero (masculino ou feminino) atribuído em seu nascimento (Hining; Toneli, 2023).

Exemplo disso foram os cordões carnavalesco de Fortaleza Coca-Cola e Meninas do Cocorote, durante a década de 1940, nos quais homens, presumidamente heterossexuais, se travestiam como forma de satirizar mulheres que se relacionavam com soldados estadunidenses instalados na cidade durante a Segunda Guerra Mundial. Nessas ocasiões, o ato de vestir-se com roupas femininas não implicava questionamentos sobre a sexualidade ou a identidade de gênero desses participantes, sendo compreendido principalmente como recurso humorístico e carnavalesco (Veras, 2017). É possível notar, portanto, que a prática de *vestir-se de mulher* durante o carnaval foi vivenciada e interpretada de diferentes maneiras ao longo da história. Dependendo do contexto social e cultural, essa prática podia assumir sentidos variados, que iam desde a sátira e a brincadeira carnavalesca até formas mais complexas de experimentação de gênero e de construção de performances no espaço público.

Na transição para o chamado *tempo dos hormônios*, durante os primeiros anos da década de 1980, tanto o carnaval quanto os concursos de beleza continuaram a desempenhar papel central como espaços de sociabilidade e visibilidade para sujeitos que se identificavam com o *universo feminino*, possibilitando a continuidade e a intensificação de suas performances femininas. Foi nesse contexto de transformação que a expressão *vou de travesti*, anteriormente associada a uma prática pontual e circunstancial, passou gradualmente a ser substituída pela ideia de *virar travesti*. Essa mudança indicava uma transformação mais profunda no significado do termo. A palavra *travesti* deixou de nomear apenas uma prática clandestina e provisória – característica do chamado *tempo das perucas*, durante a década de 1970 – e passou a designar uma identidade sexual mais definida. Tal deslocamento não ocorreu apenas no plano da linguagem ou das categorias sociais, mas também na própria materialidade dos corpos, acompanhando processos de feminização corporal que incluíam o uso de hormônios e outras tecnologias de modificação do corpo (Veras, 2017).

Por meio do uso de tecnologias científico-corporais, como hormônios e silicone, as travestis passaram a buscar a feminilização de seus corpos com o objetivo de construir uma aparência feminina permanente. Essas intervenções corporais representaram uma mudança significativa nas formas de vivenciar e expressar a travestilidade, pois indicavam um deslocamento da lógica da performance ocasional para processos mais duradouros de transformação corporal. Nesse contexto, a travestilidade deixou de estar associada apenas a práticas episódicas vinculadas a festas carnavalescas ou concursos de beleza – anteriormente restritas, em grande medida, aos espaços privados de sociabilidade homossexual – e passou gradualmente a designar um novo sujeito e uma identidade social mais definida.

Embora antigas noções, como as de fantasia e disfarce, continuassem presentes em discursos normativos que buscavam interpretar esse novo sujeito, tais concepções já não predominavam diante

das transformações materiais promovidas pelas próprias travestis em seus corpos. As modificações corporais passaram a desempenhar papel central na construção dessa identidade evidenciando novas formas de relação entre corpo, gênero e subjetividade. Nesse processo de redefinição de sentidos e ampliação da visibilidade social, os meios de comunicação tiveram participação relevante na difusão de representações sobre a identidade travesti, contribuindo para a circulação de debates sobre gênero e sexualidade no espaço público, como se observa, por exemplo, nas páginas do jornal *Lampião da Esquina*.

Os meios de comunicação não apenas registraram; também atuaram na constituição desse novo sujeito, que, embora continue sendo classificado como homossexual, diferenciava-se deste. As coloridas imagens de travestis com o corpo hormonizado e siliconado, que circulavam nas revistas e na cobertura televisiva dos bailes carnavalescos, atuaram na constituição visual do novo sujeito, revelando a estética do gênero na constituição do sujeito travesti (Veras, 2017, p. 69).

O excerto de Veras (2017) dialoga com a compreensão de Silva (2014) acerca da identidade como resultado de processos de criação linguística. Segundo essa perspectiva, as identidades não constituem entidades naturais, fixas ou essencializadas, mas sim construções produzidas por meio de discursos, signos e símbolos que circulam socialmente. Nesse sentido, as formas de nomeação e representação exercem papel fundamental na constituição dos sujeitos sociais. A identidade travesti, portanto, pode ser compreendida como resultado de disputas discursivas e simbólicas que se desenvolvem em determinados contextos históricos e culturais. Nesse processo, os meios de comunicação desempenharam papel relevante ao atribuir significados a essa identidade e ao difundir-los de maneira ampla na esfera pública, contribuindo para consolidar determinadas formas de compreensão sobre esses sujeitos.

As imagens e narrativas midiáticas veiculadas em jornais, revistas e programas de televisão podem ser entendidas, nesse contexto, como práticas de produção simbólica que participam ativamente da construção dessa identidade social. Ao retratar corpos, comportamentos e modos de apresentação associados às travestis, essas representações não apenas refletiam uma realidade previamente existente, mas também contribuíam para produzi-la e reforçá-la dentro de determinados contextos culturais. Desse modo, a repetição de certas imagens, discursos e enquadramentos ajudou a estabelecer códigos visuais e simbólicos associados à travestilidade. Ao apresentar as travestis de forma esteticamente codificada e socialmente reconhecível, os meios de comunicação contribuíram para a consolidação de uma identidade visual específica, elemento fundamental para a emergência e a afirmação desse novo sujeito no espaço público.

3 TRAVESTILIDADES NO *LAMPIÃO DA ESQUINA*

Na perspectiva de Barros (2022), os jornais integram um conjunto mais amplo de publicações periódicas, como revistas, boletins e almanaques, compartilhando características estruturais que os definem: a forma impressa, a periodicidade e a publicização. Esses elementos dizem respeito, respectivamente, ao suporte material, à regularidade de circulação e à forma como o conteúdo alcança o público. Para o autor, os jornais não devem ser compreendidos apenas como *meios de informação*, mas como *meios de comunicação* que difundem ideias, valores e interpretações, participando ativamente da construção de sentidos e da circulação de discursos no espaço público, além de expressarem interesses políticos, culturais e econômicos presentes em determinados contextos históricos.

Luca (2008) observa que, até a década de 1970, era reduzido o número de pesquisas históricas no Brasil que utilizavam periódicos como fonte. Tal limitação estava associada à predominância de uma historiografia voltada à busca da verdade dos fatos, fundamentada, sobretudo, em documentos oficiais, considerados mais confiáveis. Nesse contexto, os jornais eram frequentemente vistos com desconfiança, devido à presença de opiniões, posicionamentos e interesses políticos ou institucionais, aspectos que evidenciavam sua dimensão subjetiva. Contudo, com as transformações metodológicas que marcaram a renovação da historiografia, ampliou-se o reconhecimento dos periódicos como fontes legítimas, valorizando-se justamente sua capacidade de revelar discursos, conflitos e perspectivas diversas.

Nesse sentido, Barros (2022) destaca que a análise dos periódicos requer a consideração dos contextos históricos de sua produção, dos agentes envolvidos e dos interesses que orientam suas linhas editoriais. Assim, os jornais deixam de ser vistos apenas como repositórios de informações e passam a ser entendidos como espaços de produção de discursos e disputas simbólicas. Dessa forma, consolidam-se como atores políticos relevantes, capazes de influenciar a opinião pública e contribuir para a construção de narrativas sobre a realidade social, tornando-se fontes fundamentais para a compreensão histórica.

Em vista disso, cabe aqui justificar a escolha pelo *Lampião da Esquina* como fonte de investigação para compreender as representações das travestis durante o período da ditadura civil-militar brasileira. O governo autoritário implementado pelos militares desenvolveu uma série de medidas que visavam retirar os homossexuais e as travestis dos centros das cidades, a fim de promover uma higienização social⁴. Para tanto, foram criadas leis e promulgados decretos que respaldavam e justificavam as prisões

⁴ A "higienização social" pode ser interpretada como parte dos mecanismos de poder que buscam regular e controlar populações, promovendo normas de comportamento, saúde e moralidade para manter uma determinada ordem social. Esses mecanismos envolvem a exclusão de indivíduos ou grupos considerados desviantes, como pobres, doentes, loucos ou criminosos, em nome da segurança, do progresso ou da saúde coletiva (Foucault, 1977/1987/2008).

arbitrárias e as violências cometidas contra essa população. Embora não tenha sido o primeiro periódico destinado a e/ou feito por homossexuais, o *Lampião da Esquina* destacou-se entre os jornais da imprensa alternativa como o de maior capilaridade, repercussão e duração entre as publicações desse gênero que circularam durante o período da ditadura.

Destaca-se também a relevância do *Lampião da Esquina* no que se refere ao desenvolvimento de uma consciência homossexual em um período marcado pelos primeiros passos de organização do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB). Nesse contexto, o periódico desempenhou um papel significativo ao contribuir para a circulação de ideias e para o fortalecimento das articulações políticas que começavam a se consolidar no país. Mais do que apenas noticiar acontecimentos, o jornal configurou-se como um espaço de debate e reflexão acerca das experiências de sujeitos historicamente marginalizados. Assim, suas páginas passaram a funcionar como um importante veículo de expressão e visibilidade para diferentes grupos ligados às dissidências sexuais, atuando como uma espécie de porta-voz das pautas e discussões que permeavam o movimento em processo de organização.

Na edição experimental, número zero, os próprios editores apresentaram como um de seus principais objetivos retirar os homossexuais do chamado *gueto*. Essa proposta não se restringia ao ato individual de *assumir-se*, mas implicava também ocupar o espaço público e tornar visíveis as múltiplas identidades e experiências existentes no interior desse grupo social. Ao defender a exposição pública dessas vivências, o jornal buscava confrontar o estigma social associado à homossexualidade e incentivar a construção de formas coletivas de reconhecimento e afirmação (Saindo [...], 1978). Considerando o contexto histórico de sua produção, marcado pela repressão e pela vigilância da ditadura civil-militar, o periódico configura-se como uma fonte particularmente relevante para compreender as maneiras pelas quais identidades travestis eram constituídas, diferenciada da identidade transexual e representada em um momento de forte controle e violência direcionada às dissidências sexuais e de gênero.

O primeiro movimento adotado neste estudo consistiu na análise das capas das 41 edições publicadas pelo *Lampião da Esquina*. A partir desse levantamento, foram identificadas 11 edições em que a travestilidade apareceu como tema ou manchete de destaque na primeira página, em contraste com apenas duas edições nas quais a transexualidade foi abordada na capa. A primeira menção ao tema da travestilidade foi localizada na edição número 4 (agosto/setembro 1978). Intitulada *Travestis! (Quem*

atira a primeira pedra?), a reportagem, assinada por Mambaba⁵, apresenta, em tom satírico, um percurso histórico da experiência travesti, a qual a autora afirma possuir *fortes trancetes históricos*. O título sugere a inexistência de uma definição clara sobre o que seria, de fato, a travestilidade e, ao recorrer à expressão *atirar a primeira pedra*, evidencia o interesse dos editores em buscar explicações e, de certo modo, elaborar uma narrativa sobre essa identidade. Nesse contexto, ao mencionar a figura do imperador Nero que, segundo Mambaba (1978, p. 12), se autodefinia como “homem de todas as mulheres e mulher de todos os homens”, a matéria apresenta sua travestilidade como uma identidade noturna e voltada à satisfação de seus desejos sexuais. Conforme descrito, “nas noites em que sua parte feminina atacava não tinha dúvida: enfiava uma peruca, punha uma togazinha leve e partia para barra pesada”, em que “levava surras de inchar (e outras coisitas mais) de seus gladiadores” (Mambaba, 1978, p. 12).

Na sequência, a reportagem faz referência ao escritor e dramaturgo Oscar Wilde e ao escritor Marcel Proust, classificando-os como “travestis horrorosos, tipo espanta criança”, e cita a travesti Rogéria como a “única vedete brasileira capaz de receber, por malícia, talento e beleza, o epíteto de herdeira legítima de míticos nomes do passado, como Aracy Cortes, Virgínia Lane e Mara Rúbia” (Mambaba, 1978, p. 8). Embora o texto mencione o nome de registro de Rogéria e a descreva como “um rapagão, digamos, superdotado”, chama atenção o fato de que todas as referências a ela são feitas por meio de pronomes femininos. Esse aspecto se destaca especialmente quando comparado ao restante do corpus analisado: entre as 41 edições examinadas, tal uso ocorreu apenas nove vezes, em contraste com as 659 ocorrências em que travestis foram mencionadas com pronomes masculinos.

A diferença no emprego dos pronomes femininos e masculinos pode estar vinculada aos debates emergentes sobre identidades e práticas sexuais e de gênero que ganharam visibilidade no período, produzindo novas formas de distinção social. Esse movimento, caracterizado pela busca por reconhecimento e diferenciação (Louro, 2003), impulsionou discussões em torno dessas temáticas. No processo de representação dessas identidades em formação, a linguagem assume papel central, uma vez que é por meio das palavras que construímos significados para aquilo que pretendemos comunicar, expressar ou transmitir (Hall, 2016). Dessa forma, ao recorrer a termos e adjetivos associados ao gênero

⁵ Rafaela Mambaba é descrita por MacRae (2018, p. 149) como um personagem fictício e de linguagem “ferina, do tipo normalmente atribuído a travestis e ‘bichas loucas’”. Já os editores do *Lampião da Esquina*, em resposta a uma leitora na sessão “Cartas na Mesa”, descrevem Mambaba como “uma criatura mítica que periodicamente baixa em alguém daqui da redação – qualquer um, ela não tem preferência” que “nas várias encarnações pelas quais passou, foi sempre perigosíssima e assustadora” (Cartas [...], 1978).

masculino, o *Lampião da Esquina* procurou vincular a travestilidade ao universo masculino. Tal perspectiva é reforçada no ensaio “O travesti, este desconhecido”, publicado na edição número 22.

Assinado por Penteado (1980a, p. 12), o ensaio caracteriza as travestis como “um indivíduo dotado de boa dosagem homossexual” que “usa roupas do sexo oposto”, além de “modelar o próprio corpo por meio de atitudes, posturas, maquiagem, hormônios e cirurgias plásticas com o objetivo de aproximar-se do sexo imitado”. No mesmo texto, Penteado também se dedica a estabelecer uma distinção entre travestis e transexuais:

Mas então, qual a diferença entre transexual e travesti? Cuca, principalmente cuca!... o travesti [...] sente como todos nós a necessidade de chamar a atenção sobre a sua pessoa, mas a sua conformação masculina, devido aos padrões estabelecidos, nem sempre é a mais favorável para tal fim e ele se ajusta ao outro padrão, transformando-se. [...] as implantações de seio, quadris ou pometes no rosto, em silicone, são a contemplação gloriosa e plena dessa mística de beleza adotada como padrão. O transexual (masculino) serve-se do travestismo por uma necessidade intrínseca, porém circunstancial, porque a sua mente está determinando que ele é mulher, obviamente deve-se vestir como uma delas. Na verdade, ele está vestindo-se, não travestindo-se [...]. Numa comparação rasteira, pode-se dizer que os transexuais almejam ser mulheres simples e caseiras, enquanto os travestis têm alma de vedetes ou de mulheres mundanas (Penteado, 1980a, p. 12).

Penteado (1980a) define as travestis como homossexuais masculinos afeminados⁶ que buscavam *chamar a atenção* por meio de modificações corporais e por meio do uso de vestimentas femininas, sem, contudo, reivindicar uma identidade de gênero feminina. Para além de *satisfazer seu ego*, o autor afirma que esses indivíduos, sobretudo aqueles oriundos de camadas sociais mais baixas, recorriam ao *travestismo* como estratégia para acessar uma clientela distinta daquela procurada pelos rapazes másculos envolvidos no *trottoir*. Ainda assim, ressalta: “é errado pensar que o *travestismo* conduza à prostituição: são as exigências do mercado da prostituição que geram o *travestismo*” (Penteado, 1980a, p. 12).

Nesse contexto, Green (2000) aponta que, diante do aumento da demanda por serviços sexuais naquele período, homossexuais em situação econômica mais vulnerável encontraram na prostituição uma forma de subsistência. Isso se deve, em parte, ao controle moral imposto pelo regime militar e às

⁶ Presença de comportamentos, atitudes ou gestos culturalmente atribuídos e associados às mulheres em homens como, por exemplo, expressões emocionais sensíveis, gestos suaves ou interesses por determinadas atividades comumente associadas ao feminino.

dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal em razão da sexualidade, o que frequentemente tornava essa atividade uma das poucas alternativas disponíveis. Em relação à afirmação de Penteado (1980a) sobre a influência do mercado da prostituição no *travestismo*, há relatos de travestis publicados no próprio *Lampião da Esquina* que indicam a existência de um fetiche, por parte de clientes, em relação à feminização corporal que mantinha características masculinas. Assim, muitos homens casados e que se identificavam como heterossexuais buscavam essas relações para assumir uma posição passiva durante o ato sexual.

Já as transexuais são apresentadas como homens que reivindicam o gênero feminino e, por isso, vestem-se e comportam-se como mulheres com o objetivo de ajustar o corpo àquilo que entendem como sua mente (Penteado, 1980a). Embora afirme que as transexuais desejavam tornar-se *mulheres simples e caseiras*, utilizando o *travestismo* como caminho para atingir tal objetivo, é possível identificar uma compreensão que situa essas identidades no campo das patologias. Isso ocorre porque Penteado (1980a) aponta como principal diferença entre travestis e transexuais a *cuca*, o que leva ao entendimento de que esses indivíduos se tornariam transexuais em decorrência de problemas mentais ou psicológicos. Essa concepção é reforçada em uma charge publicada na edição 35, como mostra a figura 1:

Figura 1 – Charge “Legalizada a troca de órgãos sexuais”



Fonte: Levi (1981, p. 5)

Ao destacar a legalização da cirurgia de transgenitalização⁷, então denominada *reversão sexual*, a charge chama atenção para as transformações sociais e culturais que as transexuais deveriam atravessar para adequar o novo corpo a antigos hábitos e costumes. Entretanto, a representação também evidencia um pensamento recorrente em nossa sociedade, segundo o qual os corpos seriam evidentes por si

⁷ Cirurgia pela qual são realizadas modificações corporais que visam adequar o sexo anatômico de um indivíduo ao gênero no qual ele se reconhece (Morais; Cortes, 2020).

mesmos, determinando identidades de gênero, sexuais ou étnicas a partir de *marcas* biológicas (Louro, 2023). Dessa forma, ao *trocar* seus órgãos sexuais, as transexuais estariam, nessa perspectiva, negando sua *verdadeira* identidade, supostamente definida pela presença do falo. Tal compreensão, contudo, é equivocada, uma vez que “os corpos são significados pela cultura e são, continuamente, por ela alterados” (Louro, 2023, p. 16). Ao representar a transexual operada utilizando o mictório e urinando em pé, como se ainda possuísse um pênis, o *Lampião da Esquina* reforça a ideia de que a cirurgia constituiria apenas uma transformação estética, desvinculada da identidade do indivíduo, que culturalmente continuaria sendo interpretado como masculino.

A charge é acompanhada de duas reportagens, uma assinada por Acosta e outra pelo conselho editorial. Intitulada *Quem lucra com esta operação?*, Acosta (1981) argumenta que a cirurgia de *reversão sexual* funcionaria como um recurso explorado pela chamada máfia de branco, composta por médicos interessados em obter lucro às custas de homossexuais. O tema ganhou destaque na edição número 35 em razão do projeto apresentado pelo deputado federal José de Castro Coimbra (PDS-SP), que, segundo Acosta (1981), favorecia apenas os médicos responsáveis pela realização do procedimento. A proposta pretendia acrescentar ao art. 129 do Código Penal um parágrafo que tornava “fato não punível a ablação de órgãos e partes do corpo humano” quando houvesse parecer unânime de uma junta médica e consentimento expresso do paciente maior de idade (Homem [...], 1981, p. 5).

Já a reportagem *Homem/mulher: pra virar tudo basta operar?*, assinada pelo conselho, destaca que o projeto de Coimbra (PDS-SP) foi inspirado na denúncia contra o cirurgião Roberto Farina e contou com a opinião de professores de medicina que defendiam o *transexualismo* como uma “entidade clínica autônoma, separada do *homossexualismo*”, na qual o sujeito transexual, diferente do homossexual, “repudia o sexo para o qual se apresenta instrumentalmente dotado” (Homem [...], 1981, p. 5). A matéria também questiona a aprovação do texto pela Câmara dos Deputados sem qualquer debate prévio e sem que fossem consideradas questões legais relacionadas às pessoas operadas, como, por exemplo, a alteração do nome nos documentos de identidade. Segundo o conselho editorial, esse aspecto evidenciaria que o projeto estava voltado principalmente aos interesses médicos.

Outro indício da compreensão da identidade transexual como uma patologia aparece na matéria publicada na edição número 16 do *Lampião da Esquina*, na qual os editores anunciam o suposto fim do *transexualismo* em razão de um decreto nos Estados Unidos que determinaria “o fim das operações para mudanças de sexo”. Dessa forma, afirmava-se que “as bonecas nacionais que ainda querem se submeter à mesma [cirurgia de *redesignação sexual*] devem correr ao médico mais próximo, porque a moda vai entrar em declínio” (Transexualismo [...], 1979, p. 16).

Na edição número 5, o *Lampião da Esquina* trouxe como manchete de capa: *Transexualismo: quem está no banco dos réus?*. Nela, Silva apresentou uma reportagem sobre a condenação do cirurgião Roberto Farina, acusado de lesão corporal dolosa de natureza gravíssima após realizar a primeira cirurgia de *reversão sexual* no Brasil. Para os editores do jornal, o que se destaca nesse caso é o fato de que o processo contra o médico não teve origem na suposta vítima, Valdir/Valdirene, mas sim na iniciativa do promotor Messias Piva. Este, anos após a realização da cirurgia, decidiu denunciá-lo sob a alegação de atentado à integridade física do paciente, que “além de criar, para o ofendido, graves problemas no seu relacionamento social, teve em vista encontrar condições favoráveis para uniões matrimoniais espúrias” (Silva, 1978, p. 5). Em outras palavras, a preocupação do promotor Piva não estava centrada nas possíveis lesões corporais decorrentes do procedimento, mas no significado que a cirurgia de *reversão sexual* assumia frente às tradições familiares conservadoras difundidas pelo regime militar.

Silva também abriu espaço para outra discussão. Ao afirmar que a condenação de Farina já estava dada antes mesmo da sentença judicial, Silva (1978, p. 5) argumenta que o processo não julgou propriamente a conduta do cirurgião, mas a ousadia de Valdir/Valdirene em transformar o próprio destino. Segundo ele, tanto foi assim que a ação judicial deixou de abordar aquilo que seria a questão central do debate: “o transexualismo – fenômeno referente às pessoas que têm o corpo de um sexo e a mente de outro – é um fato científico, ou apenas uma figura criada pela medicina para justificar esse tipo de operação?”. Na mesma matéria, Silva sustenta seu questionamento ao sugerir que a identidade transexual teria surgido apenas após a medicina descobrir a possibilidade de realizar essa cirurgia e que, portanto, tal prática atenderia sobretudo ao interesse de lucrar às custas de homossexuais que, “tendo aprendido desde cedo que em matéria de sexo só existem duas opções, e rejeitando aquela que a natureza supostamente lhes destinou, procurariam na outra uma saída para sua insatisfação?” (Silva, 1978, p. 5).

O grupo de travestis entrevistado por Marcos Benedetti no final da década de 1990 confirma, em certa medida, as descrições apresentadas pelo *Lampião da Esquina*. Entre as participantes da pesquisa, as travestis eram compreendidas como sujeitos que promoviam transformações corporais com o objetivo de tornar seus corpos o mais feminino possível. Além disso, adotavam vestimentas e comportamentos associados ao gênero feminino, sem, contudo, manifestar o desejo de realizar a cirurgia de transgenitalização. Esse procedimento, por sua vez, aparecia como uma demanda central entre as transexuais, que o viam como meio de completar sua transformação corporal e solucionar o descompasso subjetivo e social que experimentavam (Benedetti, 2005). Em diálogo com essas observações, as pesquisas etnográficas conduzidas por Kulick (2008) e por Pelúcio (2005), com travestis em Salvador e São Paulo, respectivamente, indicam que, apesar das intervenções realizadas em seus corpos, pelas

quais buscavam afastar-se de padrões considerados masculinos e aproximar-se de características físicas e sociais associadas ao feminino, as travestis entrevistadas se identificavam como homossexuais, isto é, homens que mantêm relações afetivas e sexuais com outros homens.

A homossexualidade é, inclusive, apresentada como a *força motivadora* para o início das transformações corporais das travestis entrevistadas por Kulick (2008). Em outras palavras, o *desejo homossexual* funcionava como elemento balizador das atividades profissionais e das relações afetivas dessas travestis. Ainda segundo Kulick (2008, p. 231), "para que uma pessoa seja travesti, ela deve primeiro ser 'viado'". Em consonância com essa perspectiva, a reportagem de Bittencourt, intitulada *Brasil: campeão mundial de travestis*, reforça tal interpretação ao afirmar que "todo o homossexual, num momento ou outro de sua vida, sente a tentação de se travestir. E os que o fazem, atingem, com certeza, o cerne de uma questão fundamental para o homossexualismo, que é onde colocar o travestismo no contexto homossexual" (Bittencourt, 1981, p. 3). Nesse contexto, é válido destacar que, ao longo das 41 edições do *Lampião da Esquina*, os editores frequentemente situavam a travestilidade como uma subcategoria da homossexualidade. Ainda assim, Bittencourt (1981) apresentou uma reflexão relevante para o entendimento da travestilidade enquanto identidade social, a saber:

Falo aqui do homossexual que, um dia, encontrava-se na mais completa confusão vital e se pergunta: o que sou? Para esse homossexual em busca do entendimento, o fenômeno do travestismo é mais um mistério fundamental entre os muitos de sua vida a ser decifrado. Sim, porque para ele, o travesti, além de um enigma é uma fascinação a ser decifrada, uma tentação a ser vencida (Bittencourt, 1981, p. 3).

Bittencourt (1981, p. 3), nesse sentido, questionava as razões que levavam alguns homossexuais a optarem por um caminho de "sacrifício e quase sempre de muita atribulação" para construir seus corpos por meio do uso de hormônios, implantes de silicone e outras intervenções cirúrgicas, considerando que "ser mulher, todos sabemos, é muito mais complicado do que ser homem". Cabe destacar que o gênero das travestis, nas páginas do *Lampião da Esquina*, aparece como ambíguo, e seu lugar na sociedade é frequentemente colocado em debate. Além disso, as tensões acerca do que as travestis representavam dentro da chamada *classe das bichas* emergiam a partir de questionamentos recorrentes. Ao responder à crítica de um leitor que acusava os editores do *Lampião da Esquina* de desprezarem as *bichas afetadas e os travestis*, Mascarenhas (1978) publicou o artigo *Sobre tigres de papel*, no qual sustenta que a efeminação das *bichas* funcionaria como uma forma de manutenção do machismo, na medida em que estereotipava o comportamento masculino e que, para ele, tal efeminação seria artificial e forçada.

Ao abordar os percursos daquilo que denomina “modalidade de travestismo teatralizado” na cultura brasileira, Trevisan (2018, p. 233) aponta para uma vertente do *travestismo* que deu origem à figura do *ator-transformista*, que “passou a viver profissionalmente da imitação de mulheres e, com frequência, tornou-se travesti também na vida cotidiana”. Como exemplo, pode-se citar a travesti Verushka que, na edição número 10 do *Lampião da Esquina*, foi apresentada como “a mulher-maravilha da nossa capa, [que] só se veste daquela forma nos *shows*. No dia a dia é o maquilador [sic] Vicente, de roupas tão ‘femininas’ quanto as de qualquer garotão” (Silva, 1979b, p. 3). Ao adotar um corpo com traços femininos, por meio do uso de hormônios e cirurgias plásticas, Verushka enfrentava estigma e preconceito quando estava *desmontada do personagem*, conforme mencionado na reportagem.

A reportagem de Mambaba (1978), publicada na edição número 4, encomendou ao fotógrafo Maurício Domingues um ensaio sobre o visual do travesti brasileiro, pois, segundo a autora, “além da ativa, a nossa rapaziada é criativíssima” (Mambaba, 1978, p. 8). As fotografias realizadas por Domingues acompanham a matéria *Travestis! (Quem atira a primeira pedra?)* e apresentam travestis seminuas, adornadas com plumas e paetês, em uma representação que parece associá-las a um corpo voltado ao espetáculo e ao entretenimento. A reportagem publicada na página seguinte, intitulada “*Mimosa*”, *sim; mas é bom não confundir*, parece reforçar essa perspectiva. Trata-se de uma entrevista concedida por Jorge Alves de Souza no camarim do Teatro Brigitte Blair, enquanto se preparava para subir ao palco. Esse momento de preparação foi fotografado por Regina Rito e publicado junto à matéria, conforme mostra a figura 2:

Figura 2 – Transformação de Jorge Alves de Souza Charge



Fonte: Rito (1978)

O processo de preparação de Jorge Alves de Souza foi descrito por Rito (1978) como uma *transformação* que, gradualmente, dá lugar a uma “loura charmosa e linda” chamada “Geórgia Bengston, seu duplo, uma criatura que ele criou há vários anos, mas com a qual dificilmente se confunde” (Rito, 1978, p. 9). Ao apresentar Geórgia como uma criação de Jorge, a reportagem tende a enquadrá-la como um corpo produzido para o espetáculo e o entretenimento. Essa perspectiva se evidencia quando Rito (1978)

descreve Geórgia como alguém que possui uma profissão noturna, responsável por trazer a Jorge glórias e dissabores, enquanto sua atividade diurna como esteticista é o que lhe garante sustento e renda. Ao ser questionado sobre a venda dos direitos autorais de seus *shows*, Jorge afirmou que “a maioria dos travestis tem que fazer cinco ou seis boates [referência para *shows* e espetáculos] por noite”, já que o “salário de travesti é igual ao de gráfico de firma em decadência: está sempre descendo”. A reportagem então levanta a seguinte questão: “mas porque o pessoal que faz travesti entra nesse esquema de exploração e desrespeito e não quer sair dele?”. A resposta apresentada é uma breve conclusão: “eles trabalham porque gostam” (Rito, 1978, p. 9).

Esse *fazer* travesti é satirizado em um cartum publicado na edição extra 1, como mostra a figura 3:

Figura 3 – Cartum edição Extra 1



Fonte: Hartur (1979, p. 5)

O cartum retrata inicialmente um homem trajando terno, com expressão de cansaço e irritação, que, ao pronunciar “SHAZAM!”, é atingido por um raio e se *transforma* em uma travesti, passando a expressar felicidade. A cena sugere a travestilidade como uma identidade associada ao período noturno, representando um trabalhador que, após a jornada laboral, *liberta* seu lado feminino. A referência à expressão “SHAZAM!” remete, provavelmente, ao personagem da DC Comics, Billy Batson, cuja transformação em super-herói ocorre por meio da mesma palavra mágica (Ribeiro; Agostin, 2022). Assim, o cartum associa a travestilidade a um tipo de “superpoder”, estabelecendo um paralelo entre a alternância de identidades do personagem fictício e a transformação vivida pelo sujeito representado.

No entanto, *transformar-se* em travesti não é um processo simples ou mágico. A construção e o cuidado com o corpo figuram entre as maiores preocupações das travestis, que buscam aprimorá-lo em um processo contínuo, que nunca se encerra. A busca constante é pela *perfeição*, entendida, nesse contexto, como a capacidade de *passar por mulher* (Pelúcio, 2005). Nesse percurso de feminilização, ser

considerada *belíssima* constitui uma classificação estético-moral que orienta as escolhas e os cuidados dedicados ao corpo, já que é por meio dele que as travestis se constituem enquanto sujeitos. Assim,

As travestis, ao investir tempo, dinheiro e emoção nos processos de alteração corporal, não estão concebendo o corpo como mero suporte de significados. O corpo das travestis é, sobretudo, linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais (Benedetti, 2005, p. 55).

De acordo com Woodward (2014, p. 8), as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas”. A autora também sustenta a ideia de que o corpo constitui “um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (Woodward, 2014, p. 15). Nessa perspectiva, grande parte das publicações do *Lampião da Esquina* que abordaram a travestilidade trouxeram o corpo como temática recorrente, apresentando-o como elemento central na constituição dessa identidade. A partir disso, pode-se observar que o corpo aparece como um espaço privilegiado de significação social. É por meio dele que diferentes identidades passam a ser reconhecidas e interpretadas. Assim, as representações corporais tornam-se fundamentais para compreender como determinados sujeitos são posicionados socialmente.

É possível concluir, portanto, que o corpo das travestis funciona como um sistema representacional (Hall, 2016) por meio do qual buscam significar e expressar sua identidade a partir de tecnologias de gênero, incorporando signos capazes de comunicá-la e torná-la inteligível. Nesse sentido, Penteado (1980a) afirmou que as travestis ultrapassavam os parâmetros femininos atribuídos às *mulheres comuns* e aproximavam-se dos antigos modelos hollywoodianos. Segundo Pelúcio (2005), a construção corporal e identitária das travestis ocorre em quatro etapas relacionadas ao processo de feminilização, envolvendo práticas e escolhas estéticas específicas. A primeira fase corresponde ao momento em que o indivíduo, ainda identificado como *gay*, já assume sua orientação sexual, mas não adota elementos femininos no corpo ou na aparência. Em seguida, ocorre a fase do *montar-se*, marcada pelo uso ocasional de roupas femininas e maquiagem, geralmente em contextos privados ou noturnos. A terceira etapa, denominada *transformação*, envolve mudanças corporais mais frequentes, como depilação e início do uso de hormônios, ainda sem efeitos plenamente visíveis. Por fim, na quarta fase, consolida-se a identidade travesti, caracterizada pelo uso contínuo de roupas femininas, consumo de hormônios e, muitas vezes, pelo planejamento de intervenções corporais, como a aplicação de silicone.

Entre as travestis entrevistadas por Benedetti (2005), a *transformação* ocorre por meio de um processo semelhante. A primeira etapa é compreendida como uma *fase de transição*, na qual a *bichinha* ou *bicha-boy* passa a experimentar pequenas alterações corporais de fácil reversão, como o uso de maquiagem. Trata-se de um processo que exige prática e atenção, já que “a maquiagem, com todos os produtos, macetes e técnicas, é um fator importantíssimo no processo de construção da corporalidade e do gênero travesti” (Benedetti, 2005, p. 58). A etapa seguinte, mencionada por Benedetti (2005), é a *montação* ou *montagem*, momento em que as travestis se vestem de modo a construir uma apresentação que, do ponto de vista delas, seja suficientemente convincente de suas qualidades femininas. Por fim, chega o estágio em que as travestis recorrem a diversas técnicas e produtos para construir seu corpo e sua condição feminina, como o uso de hormônios e de silicone.

Adão Acosta apresentou sua opinião sobre as construções corporais realizadas pelas travestis ao publicar uma breve reportagem a respeito de sua participação em concursos de travestis nas cidades de Juiz de Fora (MG), Vitória (ES) e Rio de Janeiro (RJ). Nesse contexto, afirmou que “o primeiro lugar foi sempre para travestis que nada tinham a ver com as bonecas de plástico que atualmente se encontram por aí, cobertas de silicones dos pés à cabeça” (Acosta, 1979a, p. 16). Em decorrência dessa reportagem, a seção Cartas na Mesa da edição seguinte publicou uma carta enviada pela travesti Bamby Azevedo, que considerou o texto de Acosta preconceituoso. Ela escreveu, então, sobre seus receios em relação à abordagem:

[...] isto me deixou com medo, porque dentro das minorias, nós os travestis, somos a menor, e se os homossexuais declararem abertamente a sua antipatia pelos travestis, nós estamos perdidos. Eu acho o preconceito contra os homossexuais uma coisa descabível, mas infelizmente eu sou travesti e sinto isto na carne (Acosta, 1979b, p. 19).

A principal razão da indignação de Bamby Azevedo estava na afirmação de Acosta de que os vencedores dos concursos não “sonha[riam] em virar mulher” e nem utilizariam silicone. Em seguida, ao questionar se “seria crime tentar realizar seus sonhos através do silicone e [de] outras coisas?”, Bamby Azevedo declarou o seguinte:

Eu sou travesti apenas porque tenho um pouco de busto à custa de hormônios, tenho o rosto bem feminino e cabelos compridos, mas se você vier a me conhecer verá que sou uma pessoa sensível, inteligente a ponto de, se eu escrevesse esta reportagem, jamais escolheria aquelas frases tão sem necessidade que o senhor escreveu. Lamento que o nosso primeiro contato tenha sido assim, mas eu não estou mais disposta a me calar quando, me pisarem (Acosta, 1979b, p. 19).

Ao declarar-se travesti em razão de seus atributos físicos, Bamby Azevedo evidencia a relevância das tecnologias de gênero na constituição da identidade travesti. Além disso, reforça a ideia de que a distinção entre o *ser* e o *fazer* travesti se estabelece no corpo, pois é por meio dele que essas identidades se constroem e se afirmam. Entre aquelas que viviam como travestis, a etapa final desse processo de construção corporal poderia incluir a cirurgia de transgenitalização; contudo, tal decisão é atravessada pela subjetividade de cada indivíduo. Ao tratar anteriormente das diferenças entre travestilidade e transexualidade, mencionou-se que o desejo pela cirurgia de transgenitalização aparece como uma reivindicação central das transexuais, enquanto, para muitas travestis, esse procedimento não se mostrava necessário. Na reportagem *Quem lucra com esta operação?*, Acosta entrevistou travestis com o objetivo de compreender suas opiniões sobre a cirurgia, uma vez que, segundo o jornalista, elas seriam as pessoas mais próximas do *transexualismo*. Inicialmente, ele apresentou o posicionamento de travestis conhecidas, como Cláudia Celeste, Marlene Casanova, Jane e Rogéria:

Cláudia Celeste: – Pra mim transexualistas somos nós, os travestis. Não podemos dizer que não somos transexuais. Um homem que tem vontade de se vestir de mulher é uma coisa e o homem que leva a sério vestir-se de mulher é outra. Por exemplo: Lelete Chandon, acho que ela não é transexual. Faz parte dos homens que se vestem de mulher e depois lavam a cara tirando tudo. Neste caso são rapazes, homens, e nunca transexuais. Agora, tem um tipo de travesti, famoso ou não, que é transexual e não pode dizer que não é, e eu sou um deles. Vejam bem: nós gostamos de ser mulher. Este negócio de dizer que não somos mulher é bobagem. Se estamos de cabelos compridos, unhas pintadas, e nos portamos como mulher, somos mulheres. Nós nos vestimos de mulher fora do palco também. Temos vontade de ser mulher.

– A diferença é que muitos travestis transexuais chegam a submeter-se a uma operação. Têm coragem de fazer isto. Alguns por falta de informação. Acho que para fazer uma operação deste tipo a informação é importantíssima. É preciso conscientizar que operação é esta, o que vai acarretar, que benefícios ou prejuízos vai causar. Então as bicham arranjam dinheiro e se operam sem saber se é bom ou ruim. Não sabem se terão problemas de saúde ou de cabeça. Não se preocupam em fazer análise. É o mesmo caso do silicone; todas aplicam sem saber nada do assunto. E até os hormônios.

Jane: – Acho maravilhoso porque, quando uma pessoa quer fazer uma coisa que a realize, acho divino. É o caso dos transexuais. Se eles lutam por este tipo de operação, e de repente é liberado, é uma vitória. Sou totalmente a favor. Só que eu não faria esta operação; estou com a cabeça ótima.

Marlene Casanova: – Eu acho que é uma loucura. Não concordo com o transexualismo. Antes de qualquer coisa, é um problema de cabeça. Na minha opinião é uma aberração. [...]

Rogéria: – O transexualismo até que é uma boa. As pessoas costumam errar quando pensam no transexual. Ele na realidade é uma pessoa que não tem prazer nenhum

sexual. A operação, a mutilação, enfim o que for, é uma boa porque se as pessoas que não têm prazer com o órgão sexual masculino, é preferível botar um feminino e não sentir prazer da mesma maneira. Para os verdadeiros transexuais seria muito bom uma operação desta (Acosta, 1981, p. 5).

Apesar de opiniões contrárias e favoráveis à cirurgia estarem divididas entre as travestis mencionadas, percebe-se certo consenso quanto à ideia de que as transexuais que realizam esse procedimento apresentam, ou passarão a apresentar, problemas mentais. Essa noção já havia sido veiculada no *Lampião da Esquina* por Darcy Penteado, na edição número 22, ao afirmar que a distinção entre travestis e transexuais estaria na *cuca*. Além disso, a fala de Claudia Celeste chama atenção por estabelecer uma diferenciação entre as travestis de espetáculo, hoje comumente identificadas como *drag queens*, e aquelas que vivem cotidianamente travestidas de mulheres, associadas por ela às transexuais. Segundo Claudia Celeste, estas últimas constroem seus corpos por meio de signos culturalmente reconhecidos como pertencentes ao gênero feminino, mobilizando tais elementos na elaboração de sua identidade e, consequentemente, na reivindicação de reconhecimento social.

Acosta também procurou ouvir travestis que se prostituíam nas ruas. Entre as respostas obtidas, destacam-se as de Neuza, Shilly e Luana, apresentadas a seguir:

Neuza: - Nunca, nem morta! Quero que a terra coma esta minha coisinha gostosa que até filho já fez.

Shilly: - Cortar minha caceta? Never! Não quero ficar maluca!

Paula: - Dá licença, filhinho, tenho que atender um cliente agora. Depois eu respondo.

Luana: - Talvez eu faça um dia. No momento o meu membro está como a picareta para o operário; sem ele não abro os buracos, sem abrir buracos não ganho dinheiro (Acosta, 1981, p. 5).

Os relatos apresentados são significativos, pois permitem vislumbrar aspectos do cotidiano das travestis que garantem sua sobrevivência por meio da prostituição. Nas falas de Neuza e Shilly, por exemplo, aparece de forma clara o repúdio à cirurgia de *redesignação sexual*, novamente associada ao imaginário hegemônico que vinculava esse procedimento à ideia de loucura ou desequilíbrio mental. Essas declarações revelam como determinados discursos e estigmas sobre a transexualidade circulavam entre as próprias travestis, influenciando suas percepções sobre o corpo e sobre as possibilidades de transformação corporal.

Por outro lado, as travestis Paula e Luana mencionam, em suas respostas, a importância da manutenção do falo como elemento diretamente relacionado à sobrevivência econômica. Luana, embora demonstre curiosidade e até certo interesse em realizar a cirurgia, reconhece que tal decisão poderia

comprometer seu trabalho e resultar na perda de clientes, colocando em risco sua principal fonte de renda. Nesse sentido, Pelúcio (2005) argumenta que é justamente a configuração corporal construída pelas travestis, marcada pela feminização do corpo, mas com a presença do falo masculino, que desperta o fetiche de muitos clientes, frequentemente homens casados e autodeclarados heterossexuais, que procuram esse tipo de experiência.

Esses apontamentos demonstram que o *Lampião da Esquina*, ao abrir espaço para que travestis expressassem suas próprias opiniões, experiências e percepções sobre seus corpos, seus trabalhos e suas identidades, contribuiu para tensionar representações estigmatizadas que predominavam na sociedade brasileira. As falas publicadas no periódico revelam não apenas divergências internas sobre temas como a cirurgia de transgenitalização, mas também evidenciam as múltiplas formas de construção da travestilidade e as condições sociais que atravessavam suas vidas, especialmente no que diz respeito à marginalização e a sobrevivência por meio da prostituição. Assim, mais do que registrar debates, o jornal atuou como um espaço de visibilidade e de produção de sentidos sobre as identidades dissidentes de gênero, permitindo que essas vozes fossem inscritas no campo público em um período marcado pela repressão e pelo silenciamento de experiências consideradas desviantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender como o jornal *Lampião da Esquina* representava as travestis em suas páginas, em um contexto marcado pelo autoritarismo da ditadura civil-militar brasileira. A escolha do periódico se justifica não apenas por sua ampla circulação e repercussão no âmbito da imprensa alternativa, mas sobretudo por seu papel na formulação e difusão de uma consciência homossexual emergente, atuando como espaço privilegiado de articulação política e simbólica no contexto inicial do Movimento Homossexual Brasileiro.

Mais do que um simples veículo de registro, a análise das edições do periódico evidencia que o *Lampião da Esquina* participou ativamente da produção de sentidos acerca da travestilidade. Nesse processo, torna-se possível identificar uma distinção recorrente entre o *fazer travesti* e o *ser travesti*, a qual revela não apenas diferentes práticas, mas também disputas em torno da legitimidade e da definição dessa identidade. Enquanto o *fazer* aparece associado a performances voltadas ao entretenimento, aproximando-se do que hoje se compreende como práticas *drag queen*, o *ser travesti* é construído a partir de transformações corporais mais permanentes, frequentemente vinculadas à feminização do corpo e a determinados marcadores sociais, como a prostituição.

Essa distinção, no entanto, não deve ser compreendida como fixa ou natural, mas como efeito de discursos situados historicamente. Tais categorizações evidenciam que as identidades são produzidas por meio de práticas discursivas que organizam e hierarquizam experiências. Do mesmo modo, as tentativas de diferenciar travestis e transexuais — frequentemente baseadas na realização de cirurgias — revelam a influência de saberes médicos e normativos, que, naquele contexto, ainda associavam a transexualidade a uma patologia. Assim, o próprio jornal, ainda que progressista em muitos aspectos, também reproduzia certos enquadramentos hegemônicos sobre gênero e sexualidade.

Nesse cenário, a contribuição deste estudo reside em evidenciar que a identidade travesti, longe de ser uma categoria estável, constitui-se na interseção entre práticas corporais, experiências sociais e representações midiáticas. É possível compreender esse período como um momento de inflexão, no qual a travestilidade passa a se deslocar de uma lógica predominantemente performática para a consolidação de uma identidade social mais definida.

Além disso, ao analisar as representações produzidas pelo *Lampião da Esquina*, torna-se evidente que os meios de comunicação não apenas refletiam uma realidade preexistente, mas atuavam diretamente na constituição desse sujeito social. As narrativas e imagens veiculadas contribuíram para a criação de códigos visuais e simbólicos que tornaram a travestilidade socialmente reconhecível, ao mesmo tempo em que delimitavam suas fronteiras e significados.

Por fim, ao situar essas representações em um contexto de repressão política e negação de direitos, este estudo também evidencia que a construção da identidade travesti esteve profundamente atravessada por práticas de resistência. As experiências desses sujeitos revelam não apenas estratégias de sobrevivência, mas também formas de afirmação e produção de si em meio à violência e à marginalização. Nesse sentido, compreender as disputas discursivas presentes naquele período permite não apenas lançar luz sobre o passado, mas também refletir criticamente sobre as continuidades e transformações que ainda marcam as discussões contemporâneas sobre gênero, sexualidade e cidadania no Brasil.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. Juiz de fora elege sua “miss gay” (TFM aplaude). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, set. 1979a. Reportagem, p. 13.

ACOSTA, A. Travesti protesta. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 18, nov. 1979b. Cartas na Mesa, p. 19.

ACOSTA, A. Quem lucra com esta operação? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, abr. 1981. Reportagem, p. 5.

BARROS, J. A. Considerações sobre a análise de jornais como fontes históricas, na sua perspectiva sincrônica e diacrônica. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 26, n. 3, p. 588-604, set./dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/21514>. Acesso em: 06 mai. 2024.

BENEDETTI, M. **Toda feita**: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BITTENCOURT, F. Brasil: Campeão mundial de travestis. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 32, jan. 1981. Reportagem, p. 3.

CALDEIRA, M. C. S.; PARAÍSO, Marlucy Alves. Tecnologias de gênero, dispositivo de infantilidade, antecipação da alfabetização: conflitos na produção de corpos generificados. **Educação e Pesquisa**, [S./], v. 42, n. 3, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/9cqP3hPKsZ7stNzKfBZTb6g#>. Acesso em: 25 out. 2024.

CARTAS Na Mesa. Uma questão de linguagem. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 14, dez. 1978.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1977. 1. v.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 26. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

GREEN, J. N. "Mais amor e mais tesão": a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, [S./], v. 15, p. 271-295, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/download/8635596/3367/4954>. Acesso em: 20 nov. 2024

HALL, S. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HARTUR. Cartum Shazam. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, nº Extra 1, p. 5, dez. 1979.

HINING, A. P. S.; TONELI, M. J. Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminino brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 31, n. 1, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/BtLpSzcvY7BJx7t4nz6vSvC/>. Acesso em: 28 out. 2024

HOMEM/MULHER: Pra virar tudo basta operar? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 35, abr. 1981. Reportagem, p. 5.

JESUS, J. G. Travessia: caminhos da população trans na história. In: GREEN, J. N.; QUINALHA, R., CAETANO, M.; FERNANDES, M. (Orgs.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

KULICK, D. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Tradução: Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LEITE JUNIOR, J. **"Nossos corpos também mudam"**: sexo, gênero e a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico. 230 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_ec89bbec79f2bd8b891a88d93ddd6ed8. Acesso em: 26 out. 2024.

LEVI. Charge "Legalizada a troca de órgãos sexuais". **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 3, nº 35, abr. 1981, p. 5.

LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C. Travestis e transexuais: corpos (trans)formados e produção da feminilidade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 761-784, set./dez., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/KMw7k6XzmPJLLmMjn5zdncc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2024

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz T. S. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 07-42.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MACRAE, E. **A construção da igualdade**: Política e identidade homossexual no Brasil da "abertura". Salvador: EDUFBA, 2018.

MAMBABA, R. Travestis! (Quem atira a primeira pedra?). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, 25 ago. a 25 set. 1978. Reportagem, p. 8.

MASCARENHAS, J. A. Tigres de papel. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, 25 ago. – 25 set. 1978. Reportagem, p. 9.

MORAIS, A. V. C.; CORTES, H. M. Cirurgia de redesignação sexual: implicações para o cuidado. **Journal of Nursing and Health**, [S./], v. 10, n. 3, 2 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/16773>. Acesso em: 27 maio 2024.

PELÚCIO, L. “Toda Quebrada na Plástica”: Corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Campos**, [S./], v. 6, n. 2, p. 97-112, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26519017_Toda_Quebrada_na_Plastica_Corporalidade_e_construcao_de_genero_entre_travestis_paulistas. Acesso em: 18 maio 2024.

PENTEADO, D. O travesti, este desconhecido: A função cria o órgão, ou na natureza nada se cria e nada se destrói, tudo se transforma. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, mar. 1980a. Ensaio, p. 12-13.

PENTEADO, D. O travesti, este desconhecido: O papel do travesti na emancipação feminina. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 23, abr. 1980b. Esquina, p. 3.

RAMALHO, N. A. “Virar travesti”: trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade social. 432f. (Doutorado em Serviço Social) – ISCTE IUL, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/19313>. Acesso em: 24 nov. 2024.

RIBEIRO, D. N.; AGOSTIN, E. O. SHAZAM: O paradoxo da juventude. **História em Revista**, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 46-66, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/24221>. Acesso em: 18 mai. 2024.

RITO, R. “Mimosa”, sim; mas é bom não confundir. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, 25 ago. a 25 set. 1978. Reportagem, p. 9.

SAINDO DO GUETO. **Lampião**, Rio de Janeiro, Edição Experimental, Número Zero, abr. 1978. Opinião, p. 2.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. da T. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, A. Transexualismo: Um julgamento moral. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, out. 1978. Esquina, p. 5.

SILVA, A. Carnaval, todo mundo sem máscara. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 10, mar. 1979a, Reportagem, p. 6.

SILVA, A. Síndico quer Verushka usando gravata e paletó. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 10, mar. 1979b. Esquina, p. 3.

SIMPSON, K. Transexualidade e travestilidade na saúde. *In*: Ministério da saúde; Secretaria de gestão estratégica e participativa; Departamento de apoio à gestão participativa. **Transexualidade e travestilidade na saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. p. 9-16. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

SOLOMON, A. **Longe da Árvore**: pais, filhos e a busca da identidade. Tradução: Donaldson M. Garschagen, Luiz A. de Araujo, Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

TRANSEXUALISMO NO FIM. **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 16, set. 1979. Bixórdia, p. 16.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 4. ed., rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERAS, E. F. **Travestis**: carne, tinta e papel. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.